

Usando conjuntos de representações sociais na análise de trajetórias

Using social representations in the analysis of trajectories

Alda Judith Alves-Mazzotti
Universidade Estácio de Sá/UFRJ
aldamazzotti@gmail.com

Resumo

O objetivo deste artigo é expor uma metodologia, desenvolvida em nossas pesquisas sobre “meninos de rua”, que utilizou a abordagem das representações sociais para a análise de trajetórias. Esta metodologia permitiu identificar, entre os meninos encontrados nas ruas, quais os mais vulneráveis, ou seja, aqueles que teriam maiores probabilidades de fazer a opção definitiva pela vida nas ruas. Nesse sentido, consideramos que a metodologia proposta pode ser um instrumento valioso para orientar ações preventivas voltadas para sujeitos em situações de risco social. O artigo está dividido em duas partes. Na primeira, são resumidos os procedimentos usados em nossas pesquisas sobre representações sociais, vinculando-os aos pressupostos teóricos que os sustentam. Os seguintes procedimentos são apresentados: (a) enunciar claramente o objeto da representação a ser investigada; (b) tomar por base da análise a “palavra situada”; (c) relacionar a representação focalizada a outras que se supõe serem vinculadas ao objeto; (d) usar um ou mais grupos para comparação; e (e) combinar as perspectivas estrutural e processual das representações sociais. Numa segunda parte são apresentadas pesquisas que ilustram os procedimentos descritos e discutem os resultados obtidos. Tais procedimentos podem ser todos utilizados em uma mesma pesquisa ou em estudos sucessivos, constituindo uma linha de pesquisa, como é o caso dos exemplos apresentados neste artigo.

Palavras-chave: Análise de trajetórias. Representações sociais. Metodologia.

Abstract

The objective of the study is to present a methodology, developed in our studies on “street kids”, that applied the social representations approach to the analysis of trajectories. This methodology allowed identifying, among the kids found in the streets, the most vulnerable, that is, those who would show the higher probability of becoming a “street kid”. In this sense, we consider that the methodology proposed is a valuable tool to guide preventive actions directed at subjects in social risk situations. The article is divided in two parts. In the first, we summarize procedures used in our research on social representations, linking them to the theoretical assumptions that support these procedures. The following procedures are presented: (a) to clearly state the object of the representation to be investigated; (b) to take the “situated word” as the base for the analysis performed; (c) to relate the focused representation to others that are supposed to be linked to the object; (d) to use more than group for allowing comparisons; and (e) to combine the structural and the procedural approaches of social representations. A second part presents studies that illustrate the procedures described and discuss the results obtained. Such procedures can all be used in the same research or in successive studies, constituting a line of research, as is the case of the examples presented in this article.

Keywords: Analysis of trajectories. Social representations. Methodology.

I ntrodução

Embora há muitas décadas o tema da exclusão venha atraindo a atenção de pesquisadores e mobilizando agentes sociais, o interesse pela questão se intensifica em períodos de crise econômica. Foi o que ocorreu no Brasil durante a crise dos anos 1980, quando, tangidos pela miséria em que mergulhavam suas famílias, grandes contingentes de crianças e adolescentes passaram a buscar, nas ruas, os meios de sobrevivência. Surgiam, assim, os chamados “meninos de rua”¹, os quais, por sua visibilidade e desamparo diante dos riscos a que ficavam expostos, tornaram-se ícones do processo de exclusão social.

Em um belíssimo estudo antropológico, Vogel e Mello (1991, p. 134) procuraram compreender como o “menino de casa” se transforma em “menino trabalhador” e, com o tempo e as experiências vividas na rua, pode se tornar “menino de rua”, configurando uma trajetória decorrente do que chamaram de “infância traída”, aquela que foi privada do tempo de brincar e de estudar para assumir responsabilidades próprias da vida adulta.

Foi também o desejo de compreender essas trajetórias que nos levou a desenvolver as pesquisas que serão expostas neste artigo.

A primeira delas, (ALVES, 1991), é parte de uma pesquisa interdisciplinar patrocinada por uma parceria UNICEF/ FLACSO². Nessa pesquisa, “Meninos de rua e meninos na rua: estrutura e dinâmica familiar” (Pesquisa 1 deste artigo), o quadro teórico das representações não foi utilizado, uma vez que a parte que nos coube foi um amplo levantamento de fatores que poderiam favorecer a “produção de meninos de rua”. No entanto, vale apresentar aqui seus resultados, uma vez que estes levantaram questões importantes que seriam aprofundadas em nossas pesquisas subsequentes, estas, em sua totalidade, focalizando a questão dos “meninos de rua” pelo prisma das representações sociais.

¹ Mantivemos o termo usado à época em que foram desenvolvidas as pesquisas aqui citadas, por ser uma denominação sintética que inclui crianças e adolescentes. Estamos conscientes das conotações pejorativas que poderiam eventualmente acompanhar sua utilização, as quais queremos, de início, descartar.

² UNICEF United Nations International Children's Emergency Fund; FLACSO Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais.

Abric (1996) nos lembra que a exclusão social deve ser vista como o produto de uma combinação de vários fatores, destacando, entre estes, o sistema social vigente, com suas regras, normas e instituições, e as relações do sujeito que é alvo da exclusão com os grupos com os quais interage. Mais especificamente, para Abric a questão se centra na interação do sujeito excluído com aqueles a quem cabe favorecer sua inclusão, ou seja, os agentes sociais. Mas acrescenta que, para que esse sistema de relações seja bem compreendido, torna-se necessário investigar os elementos simbólicos que estão em jogo na situação, o que sustenta a pertinência da adoção da abordagem das representações sociais no estudo dos “meninos de rua”. Mas seria essa abordagem adequada ao estudo de trajetórias? Moscovici (1978) nos responde, ao afirmar que a análise das dimensões de uma representação social permite caracterizar grupos em função de suas representações. Isto quer dizer que, para ele, é possível definir os contornos de um grupo, ou distinguir um grupo de outro, pelo estudo das representações compartilhadas por seus membros sobre um dado objeto social, uma vez que, dada a reciprocidade entre uma coletividade e suas representações, estas são atributos fundamentais na definição da identidade de um grupo.

Tais suportes teóricos, aliados às evidências de pesquisa segundo as quais a opção pela vida de rua se faz em etapas que começam com a ida para rua em função de um trabalho, nos levaram a privilegiar o quadro teórico das representações sociais no estudo da trajetória dos “meninos de rua” (Pesquisa 2). Foram as reflexões sobre os desafios encontrados no caminho que nos levaram a desenvolver a metodologia que ora apresentamos.

Estamos hoje diante de uma nova crise econômica, esta sem precedentes em nossa história, e já vemos, nas grandes cidades, grupos de adolescentes e até de crianças nas ruas, em atividades laborais extremamente precárias, ou pedindo dinheiro, ou mesmo praticando assaltos aos transeuntes. Tal constatação nos levou a considerar a utilidade de expor a metodologia que nos permitiu identificar, entre os meninos encontrados nas ruas, aqueles que teriam maiores probabilidades de fazer a opção definitiva pela vida nas ruas. A metodologia por nós desenvolvida pode ser aplicada a outros grupos em situações de risco social, o que a torna um instrumento útil para orientar ações preventivas voltadas para esses sujeitos.

Considerando tratar-se de uma proposta metodológica, procuramos destacar, inicialmente, os procedimentos utilizados e seus fundamentos. Assim, este artigo está dividido em duas partes. Na primeira, são resumidos esses procedimentos, vinculando-os aos

pressupostos teóricos que os sustentam; na segunda são apresentadas pesquisas que ilustram os procedimentos descritos e discutem os resultados obtidos.

I - Procedimentos utilizados em nossas pesquisas

1. Enunciar claramente o objeto da representação a ser investigada.

Pesquisas sobre representações sociais tratam de como um ou mais grupos representam um dado objeto supostamente significativo no âmbito de seu repertório de crenças. Isto requer que se indique claramente qual é esse objeto, o que nem sempre ocorre. Tomemos, por exemplo, as pesquisas que têm por objeto o professor. Trata-se de investigar como as pessoas veem o professor em geral ou o “bom professor”? É o professor do ensino fundamental I ou de outro nível? É o que atua em escolas públicas ou em particulares? Ou será que o nível de ensino e o tipo de instituição não interessam? Para responder a essas perguntas e definir com clareza os contornos do objeto de interesse do pesquisador, torna-se necessário iniciar o estudo pela análise da literatura acumulada acerca do objeto. No caso das perguntas acima, pesquisas têm indicado que o nível de ensino (ALVES-MAZZOTTI, 2007) e o tipo de instituição em que o professor atua (pública ou privada; cf. AZEVEDO, 2009) interessam sim, uma vez que dão origem a representações sociais distintas.

Essa análise da literatura não só nos ajuda a determinar o grau de especificação necessário à definição do objeto, como nos orienta na elaboração das questões a serem propostas aos sujeitos durante a coleta de dados. Isto porque, não raramente, embora a enunciação do objeto pareça clara, as perguntas feitas aos sujeitos são incongruentes com este, pois remetem a um outro objeto, como é o caso mencionado (professor/bom professor), um exemplo bastante comum de ambiguidade entre o real e o ideal, que tem ocorrido em pesquisas sobre formação docente, trabalho docente, identidade docente, para dar apenas alguns exemplos.

2. Tomar por base da análise a “palavra situada”.

A pesquisa de representações sociais, assim como qualquer estudo que busca expor significados, precisa trabalhar com a palavra situada em um discurso (MAZZOTTI, 2005).

Assim, em pesquisa em que se faz um teste de associação livre de palavras, utilizando o *software* EVOC (VERGÉS, 1994) ou assemelhado para chegar à estrutura das representações, as palavras obtidas precisam ser ressituidas em um discurso que exponha o seu significado. Isto pode ser feito pedindo-se aos sujeitos que justifiquem, por meio de um pequeno texto, as palavras escolhidas e a hierarquia estabelecida entre elas; ou pode ser obtido por meio de entrevistas ou qualquer outra técnica que ofereça um contexto discursivo. Cabe lembrar que, para Abric (1994a) todas as técnicas de análise da estrutura de uma representação atendem a um mesmo princípio: pedir ao próprio sujeito que faça, sobre sua produção, um trabalho cognitivo de análise, comparação e hierarquização. E acrescenta que esse princípio metodológico permite reduzir significativamente o trabalho interpretativo do pesquisador, além de minimizar seus vieses.

3. Relacionar a representação focalizada a outras que se supõe serem vinculadas ao objeto.

Uma representação não se constitui de maneira isolada e sim compartilhando significados com outras que fazem parte do repertório do sujeito. Moscovici (1978), ao definir a atividade representativa, descreve um processo psíquico que nos permite tornar familiar aquilo que nos é estranho e, por vezes, ameaçador. Nesse processo, o novo objeto entra em uma série de relacionamentos e articulações com outros objetos que já se encontram nesse universo dos quais extrai significados, toma propriedades, ao mesmo tempo em que lhes acrescenta as suas, processo que o autor denominou de ancoragem.

De acordo com Jodelet, (1990, p. 376), compreender uma coisa nova é explicá-la, dotá-la de sentido, aproximando-a daquilo que conhecemos, qualificando-a com as palavras de nossa linguagem. Resumindo, a representação sempre se constrói sobre um "já pensado", manifesto ou latente.

Frequentemente é possível antecipar alguns objetos aos quais o objeto de interesse da pesquisa será vinculado nesse processo de aproximação de significados. Consideramos que, nesses casos, pedir aos sujeitos que também os representem permite ampliar a compreensão do objeto da representação focalizada.

4. Usar um ou mais grupos para comparação

Uma das principais diferenças entre a teoria das representações sociais e a da cognição social norte-americana se refere à preocupação desta última com os "viéses" ou erros cometidos pelos sujeitos em seus julgamentos sobre objetos ou eventos sociais, o que pressupõe que as pessoas deveriam obedecer aos princípios lógico-formais em suas comunicações na vida cotidiana (ALVES-MAZZOTTI, 1994). Para a teoria da representação social, porém, não tem sentido falar em erro, uma vez que as transformações efetuadas no processo de apropriação do objeto pelos sujeitos constituem a forma mesma do pensamento social; suas características são decorrentes das situações sociais em que esse pensamento se origina e das normas sociais que os orientam. Moscovici (1978, 1993) discorre longamente sobre esta questão, apresentando vários argumentos sobre as diferenças entre o pensamento formal e o pensamento natural, sendo este último o característico do ato de representar. Não caberia aqui reproduzir todos esses argumentos, bastando recorrer a Farr (1993, p. 506), que é taxativo: "Uma grave distorção da lógica das representações sociais e coletivas consiste em tratá-las como 'desvios' ou 'erros' do funcionamento cognitivo".

No entanto, como afirma Jodelet (2001, p. 36), o fato de que a representação é uma reconstrução do objeto, expressiva do sujeito e a serviço de seus desejos, necessidades e interesses, leva a "uma defasagem em relação ao seu referente". A autora aponta três tipos de efeito desse processo nos conteúdos representados: as distorções, as suplementações e as subtrações. Na distorção, embora todos os atributos do objeto estejam presentes, alguns se encontram especialmente acentuados ou minimizados; na suplementação são atribuídas ao objeto características e conotações que ele não possui; e na subtração atributos pertencentes ao objeto são suprimidos.

Analisar essa defasagem é importante uma vez que as distorções, suplementações e supressões identificadas no *corpus* da pesquisa nos dizem muito sobre os sujeitos. Mas, para isto, é necessário que tenhamos algum parâmetro identificável com o qual a representação obtida possa ser comparada. Esse parâmetro pode ser uma teoria, um conceito científico, uma disciplina, uma lei ou outro documento normativo, o que nem sempre é possível. Mas, tendo ou não um parâmetro, é essencial que se compare a representação do grupo focalizado com as de outros grupos que mantenham relações com o objeto a partir de diferentes inserções psicossociais, sejam elas culturais, profissionais, ideológicas ou outras. Isto porque o que nos

interessa não é a defasagem em si, e sim quem as faz e porque as faz. Em outras palavras, esta análise nos ajuda a compreender, por exemplo, por que um grupo subtrai o que outro destaca; que necessidades, interesses, preconceitos, experiências induzem as especificidades de suas representações. Tais informações são de especial interesse para profissionais que procuram modificar práticas ineficazes ou danosas, como é o caso de educadores, profissionais da saúde e outros.

5. Combinar as perspectivas estrutural e processual

A associação livre de palavras tratada por *softwares* como o EVOC e a análise da similitude nos dá indicações sobre o conteúdo e a estrutura da representação, ou seja, sobre como se organizam e se hierarquizam seus significados, constituindo uma importante aproximação do objeto. Esse material também é de grande utilidade para o planejamento das entrevistas de aprofundamento e/ou dos grupos focais. Mas, para completar a pesquisa de trajetórias é importante analisar os processos de objetivação e ancoragem, procurando conhecer, na medida do possível, o objeto em seu contexto e história. A importância da historicidade para apreender os processos de formação das representações é enfatizada por Moscovici (2003, p. 41) ao afirmar que estas, uma vez criadas,

[...] adquirem vida própria, circulam, se atraem e se repelem e dão oportunidade ao nascimento de novas representações, enquanto velhas representações morrem. Como consequência disso, para se compreender e explicar uma representação, é necessário começar com aquela, ou aquelas, das quais ela nasceu.

II. Exemplos nas pesquisas

Os procedimentos descritos na primeira parte desse trabalho podem ser todos utilizados em uma mesma pesquisa ou em estudos sucessivos, constituindo uma linha de pesquisa, como é o caso dos exemplos que serão apresentados a seguir.

PESQUISA 1: Meninos de rua e meninos na rua: estrutura e dinâmica familiar (ALVES,1991)

Como foi mencionado anteriormente, a crise econômica dos anos 80 levou um grande número de crianças e adolescentes a buscar, nas ruas, meios de sobrevivência. A gravidade do problema deu origem a um número significativo de pesquisas sobre os “meninos de rua”, as quais, entre outros resultados, mostraram que, ao contrário do que se pensava, ao lado de grupos que moram na rua, uma grande maioria, ao término de suas jornadas de trabalho, voltava ao convívio familiar. A não diferenciação entre esses dois grupos parece ser, em parte, responsável pela ampla prevalência de interpretações de natureza sociológica sobre os motivos que levariam os meninos à rua. Podemos resumi-las no seguinte esquema:

Pobreza → migração → desemprego → desagregação familiar e necessidade de gerar renda → menino trabalhando na rua → “menino de rua”.

Tais explicações, porém, deixam de lado uma questão crucial para a compreensão do problema dos “meninos de rua”: o que faz com que, aparentemente enfrentando condições econômicas e culturais igualmente desfavoráveis, muitas crianças e adolescentes que vão para as ruas em busca de sobrevivência continuem ligados às suas famílias, enquanto outras deixam a casa pela rua? Esta foi a questão que procuramos investigar nesta pesquisa.

A pesquisa foi realizada em Goiânia com 42 “meninos de rua” (MR) e 86 meninos que trabalhavam na rua (MT) e seus responsáveis, num total 256 sujeitos. As entrevistas, de tipo não-estruturado, versavam sobre os seguintes temas: caracterização da família, renda familiar, migração, condições materiais de vida, estrutura familiar, áreas de preocupação da família, redes de apoio, dinâmica familiar (poder decisório, relacionamentos).

Os resultados confirmaram que não havia diferenças significativas em termos de renda (em torno de meio salário mínimo *per capita*), nem de condições materiais de vida entre as famílias dos MR e dos MT, situando-se as principais diferenças na estrutura e dinâmica familiar e, em particular, na figura do pai. Entre estas, podemos destacar: a) 1/5 dos “meninos de rua” não conheceu o pai; b) mesmo quando o pai estava presente, as mães tendiam a ser as principais responsáveis pelo sustento; c) este grupo apresentava o maior percentual de pais analfabetos e desempregados; e d) os pais tinham menor poder decisório que as mães e pior relacionamento com os filhos, sendo por eles apontados como ausentes e/ou violentos, pouco

disponíveis e pouco confiáveis. Tais características compõem uma imagem de pai despreparado e impotente para enfrentar as dificuldades da vida e as responsabilidades para com a família, imagem que, aliada ao distanciamento afetivo, o tornam um modelo indesejável de identificação para os filhos.

Outro dado importante se refere ao fato, mencionado anteriormente, de que a opção pela rua é um processo que, segundo relatos dos MR, se inicia com a ida para a rua para trabalhar.

Em resumo, a análise dos resultados dessa pesquisa indicou que três ordens de fatores interagem no processo de produção de “meninos de rua”: os socioeconômicos, os familiares e os individuais. Assim, somente uma abordagem psicossocial, ao dar conta da interação desses fatores, poderia trazer uma melhor compreensão do problema. Isto levou ao estudo que se segue.

PESQUISA 2: Do trabalho à rua: uma análise das representações sociais produzidas por meninos trabalhadores e meninos de rua. (ALVES-MAZZOTTI, 1994).

Procurando compreender melhor as mediações que contribuem para as diferentes trajetórias dos meninos e meninas que trabalham na rua (MT) levando alguns a romperem os laços familiares e passarem a viver na rua (MR), desenvolvemos uma pesquisa em que comparamos esses grupos quanto às representações de *trabalho* e *rua*, acrescentando outras que consideramos vinculadas a elas, a saber: *família*, *escola*, *futuro* e *auto-imagem*.

Nesta pesquisa, realizada no Município do Rio de Janeiro procuramos, além de investigar o conteúdo dessas representações, levantar hipóteses sobre seus processos formadores. Lembremos que Moscovici (1978, p. 289) ao analisar a gênese das representações, descreve dois processos dialeticamente relacionados: a objetivação e a ancoragem. A objetivação é definida como a passagem de conceitos ou ideias para imagens concretas, as quais, pela generalidade de seu emprego, são naturalizadas, passando a ser vistas como “reflexos do real”. O resultado desse processo é o núcleo ou esquema figurativo, uma construção estilizada do objeto que, absorvendo o excesso de significações, concretiza e coordena os elementos da representação. Já a ancoragem diz respeito à integração cognitiva do objeto no sistema de pensamento pré-existente e às transformações que, em

consequência, ocorrem num e noutro resultando na constituição de uma rede de significações em torno do objeto, relacionando-o a valores e práticas sociais (ALVES-MAZZOTTI, 1994).

Foram realizadas entrevistas conversacionais com 67 participantes, sendo 31 meninos e meninas de rua (MR) e 36 meninos e meninas trabalhadores (MT). Do grupo dos MR participaram apenas aqueles que não moravam mais com suas famílias, passando todo o tempo na rua ou eventualmente frequentando algum programa de apoio. Destes, 18 são meninos e 13 são meninas e suas idades variam entre 9 e 18 anos. O grupo dos MT incluiu 25 meninos e 11 meninas com idades variando entre 10 e 18 anos. Alguns trabalham sozinhos, outros com os pais ou outros parentes. Quase todos freqüentam a escola, embora com grande defasagem série/idade, e o nível de escolaridade varia entre nenhuma e 7ª série do 1ª grau. As opiniões, crenças, informações, imagens e atitudes contidas nos discursos dos dois grupos foram submetidos à análise de conteúdo (BARDIN, 1977), procurando-se inicialmente descrever a representação como um campo estruturado, com base na frequência dos temas e importância e sentido a eles atribuídos pelos respondentes.

Essa análise inicial dos resultados indicou claramente a existência de dois grupos de MT, que chamamos de MT1 e MT2. O primeiro ficou constituído por 19 meninos e 7 meninas com idades entre 10 e 18 anos e o segundo por 6 meninos e 4 meninas, com idades entre 10 e 18 anos. Os aspectos que distinguem esse dois grupos são detalhados na análise do Quadro 1.

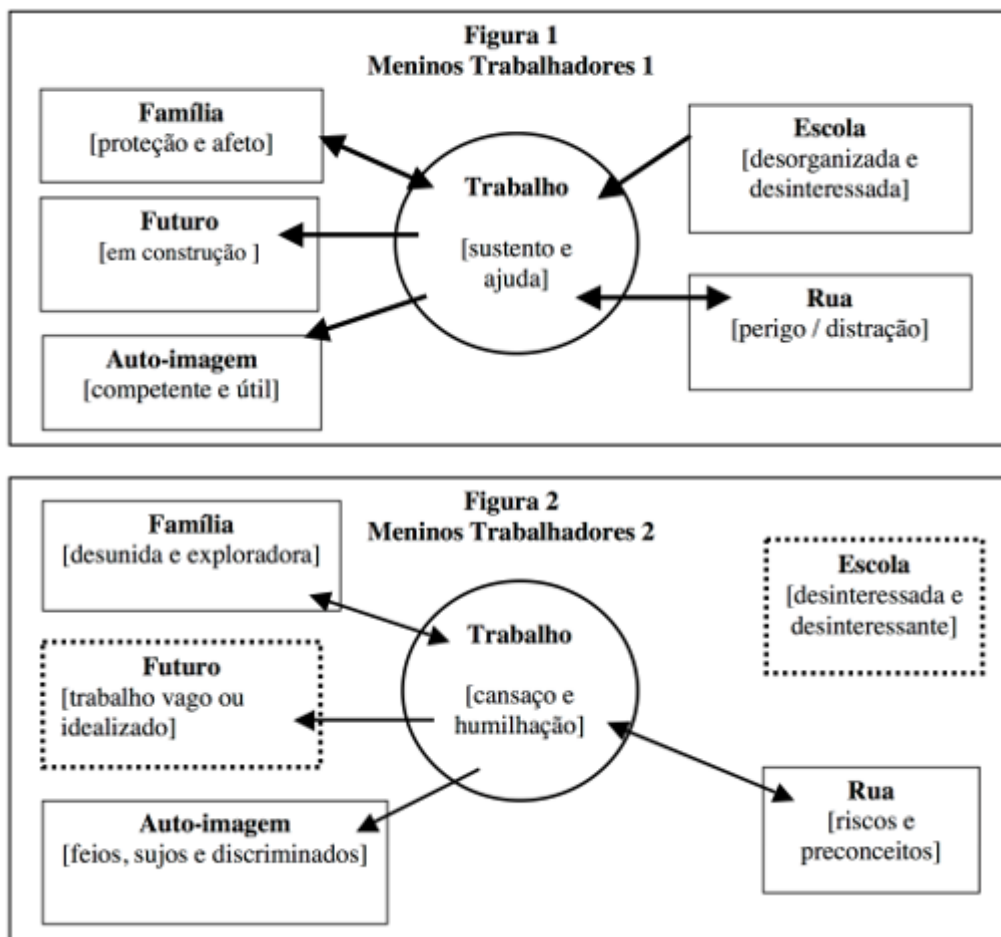
Uma vez redistribuídos os dados em três grupos, passamos à análise das representações focalizadas tentando chegar ao núcleo figurativo de cada uma delas, bem como às relações entre esses núcleos.

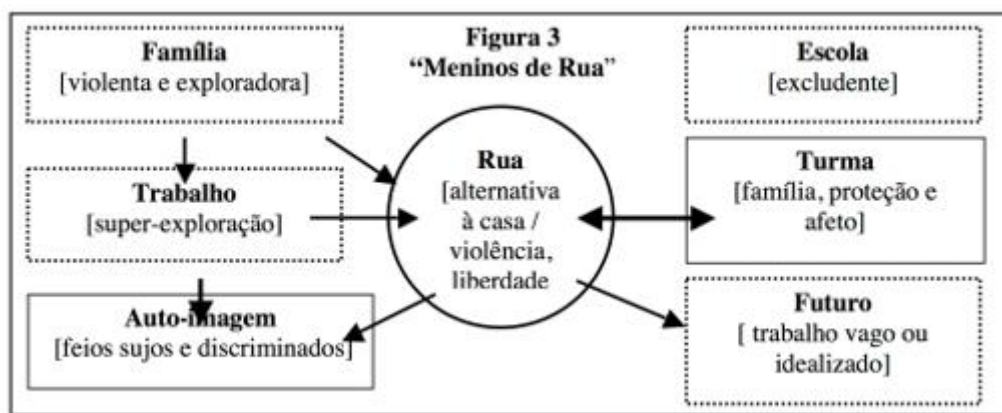
Moliner (1994), aponta quatro características básicas que nos permitem identificar as cognições centrais (aqui representadas pelos núcleos figurativos): valor simbólico, poder associativo, saliência e conexidade. A primeira se refere ao fato de que estas mantêm com objeto uma relação necessária, “não negociável”. Isto quer dizer que, na visão do grupo considerado, elas não podem ser dissociadas do objeto da representação sob pena de este perder toda a significação. Poder associativo diz respeito à polissemia das noções centrais e à sua capacidade de se associar aos outros elementos da representação, uma vez que elas condensam o conjunto de significações. A saliência está diretamente relacionada às duas características anteriores: graças ao seu valor simbólico e à sua polissemia, as cognições centrais ocupam um lugar privilegiado no discurso, sendo evocadas mais frequentemente que

as demais. Finalmente, a conectividade é decorrente do poder associativo: em função dessa capacidade, as cognições centrais são aquelas que apresentam maior número de relações com os demais elementos da representação.

Tais características, evidenciadas em vários estudos experimentais, serviram de critérios para a identificação do núcleo figurativo das representações consideradas. Procuramos também, pela comparação entre os grupos, identificar as distorções, desfalques e suplementações ocorridos na formação do núcleo figurativo, formulando algumas hipóteses sobre as atitudes, valores, necessidades e interesses subjacentes a esse processo, decorrentes da inserção sociocultural dos sujeitos e das interações mantidas na rua. Quanto à ancoragem, buscamos compreender, em cada um dos três grupos, como as representações consideradas se relacionam, bem como o tipo de práticas que elas orientam e/ou justificam.

O Quadro 1 apresenta os núcleos figurativos encontrados (figuras 1, 2 e 3) e as setas sugerem as ancoragens.





Quadro 1: Núcleos figurativos das RS de meninos trabalhadores e de rua

Conforme indica o Quadro 1, embora a representação de trabalho ocupe um lugar central e esteja relacionada à representação de família, de rua e à auto-imagem nos dois sub-grupos de MT, os núcleos destas representações diferem. Assim, a maior parte dos MT1, que vê suas famílias como solidárias — o que pressupõe laços afetivos entre seus membros e esforço compartilhado para assegurar a sobrevivência — têm uma representação positiva do trabalho, considerando-o uma necessidade ligada ao seu próprio sustento e à ajuda da família. Isto se reflete favoravelmente em sua auto-imagem fazendo com que se sintam competentes e úteis e contribuindo para que se sintam capacitados para enfrentar o futuro. A análise das condições em que este grupo exerce seu trabalho indicou que, embora esses meninos e meninas exerçam suas atividades na rua, contam aí com alguma instância que os supervisiona e/ou lhes dá apoio, como é o caso dos que trabalham com seus familiares e também dos que trabalham para empresas ou pequenos negócios (entregadores de mercadorias, mensageiros, jornaleiros, ajudantes)

Em contraste com esses resultados, os MT2, que exercem suas atividades nos sinais de trânsito ou circulando entre os carros, sem qualquer tipo de supervisão ou apoio (vendedores ambulantes e “flanelinhas”), veem as suas famílias como desunidas e exploradoras e têm sobre o trabalho uma representação negativa, encarando-o como algo cansativo e penoso, com muitos inconvenientes e poucos benefícios. A atividade que desenvolvem é associada a frustrações e humilhações, uma vez que, por oferecerem serviços ou produtos nos quais as pessoas, em geral, não estão interessadas, são repelidos, frequentemente com aspereza. Tais interações minam a auto-estima dos meninos e meninas fazendo com que ancorem sua auto-imagem à de “pedintes”, o que contribui para uma visão negativa do futuro, bem como a de suas famílias, vistas como responsáveis por seu sofrimento.

A comparação entre os três grupos indica que o grupo MT2 apresenta mais representações em comum com os “meninos de rua” do que com os outros meninos trabalhadores: a imagem negativa da família, a mesma auto-imagem e a mesma incerteza quanto ao futuro. Por outro lado, as representações dos “meninos de rua” que diferem das deles parecem ser o resultado previsível de um processo já iniciado: o trabalho, visto como cansativo e constrangedor, passa a ser considerado super-exploração e é descartado, os já tênues vínculos familiares se rompem e o grupo de meninos que já vivem na rua o coopta, assumindo simbolicamente as funções da família ao proporcionar proteção e afeto. Quanto à rua, se de um lado, os riscos se concretizam em violência, de outro, garante o sustento, aliado ao lazer e à liberdade.

Partindo do pressuposto de que o fato de partilhar um conjunto de representações configura a identidade grupal e o sentimento de pertencimento (Jodelet, 1989), concluímos que o subgrupo de “meninos trabalhadores” que inclui os vendedores ambulantes e “flanelinhas” é aquele que têm maior probabilidade de fazer uma opção definitiva pela rua. A análise das representações dos três grupos permite também compreender melhor o papel das interações familiares, bem como aquelas vividas em função do trabalho, na trajetória que leva do trabalho à rua. Finalmente, esses resultados confirmam a importância de se investigar a configuração específica, material e simbólica, das interações entre pessoas e entre grupos, agentes e vítimas da exclusão (Jodelet, 1999), para a compreensão dos processos de produção de “meninos de rua”.

Referências

- ABRIC, J. C. De l'importance de représentations sociales dans le problèmes de l'exclusion sociale. In ABRIC J. C. (Dir.). *Exclusion sociale, insertion et prévention*. Saint Agne: Editions Erès, 1996, p.11-17
- ABRIC, J. C. Méthodologie de recueil des représentations sociales. In J.C. ABRIC (Ed.) *Pratiques sociales et représentations*. Paris: Presses Universitaires de France, 1994, p. 73-101
- ALVES, A. J. Meninos de rua e meninos na rua: estrutura e dinâmica familiar. In A. FAUSTO, A.; CERVINI, R. (Orgs.). *O trabalho e a rua: crianças e adolescentes no Brasil urbano dos anos 80*. São Paulo: Cortez, 1991, p. 117-132.

ALVES-MAZZOTTI, A. J. Do trabalho à rua: uma análise das representações sociais produzidas por meninos trabalhadores e meninos de rua. In *Tecendo saberes*. Rio de Janeiro: Diadorim. UFRJ-CFCH, 1994, p. 9- 45.

ALVES-MAZZOTTI, A. J. *Em aberto*, Brasília, ano 14, nº 61, jan/mar. 1994, p. 60-78

AZEVEDO, N. B. *Representações sociais de identidade docente de professores das séries iniciais em uma escola de elite*. (Dissertação de Mestrado). Rio de Janeiro: Universidade Estácio de Sá, 2009.

BARDIN, L. *L'analyse de contenu*. Paris: Presses Universitaires de France, 1977.

JODELET, D. La Representacion social: fenomenos, concepto y teoria. In MOSCOVICI, S. (Dir.): *Psychologie sociale*. Paris: Presses Universitaires de France, 1990 (2ª ed.), p. 469-497

MOLINER, P. Les methods de repérage et d'identification du noyau des représentations sociales In C.Guimelli (Ed) *Structures et transformations des représentations sociales*. Neuchâtel: Delachaux et Niestlé, 1994, p.199-132

MOSCOVICI, S. *A representação social da psicanálise*. Trad.: Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

VERGÈS, P. Approche du noyau central: propriétés quantitatives et structurales. In: GUIMELLI, C. (Ed.). *Structures et transformations des représentations sociales*. Neuchâtel: Delachaux et Niestlé, 1994, p. 233-253.

VOGEL, A.; MELLO, M. A. S. Da casa à rua: a cidade como fascínio e descaminho. In . FAUSTO, A; CERVINI, R. (Orgs.). *O trabalho e a rua: crianças e adolescentes no Brasil urbano dos anos 80*. São Paulo: Cortez, 1991, 133-150.

Autora convidada para o número temático